



A RECEPÇÃO E A INFLUÊNCIA DA TEORIA FRANCESA

Vinicius Oliveira Sanfelice

Resenha de CUSSET, François. *Filosofia francesa: a influência de Foucault, Derrida, Deleuze & Cia.* Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2008. 312 p.

INTRODUÇÃO

São cada vez mais frequentes as discussões midiáticas e polêmicas públicas que habitam termos e conceitos importados de outros contextos teóricos. Expressões, que não são apenas expressões, como “multiculturalismo” e “politicamente correto” já fazem parte do nosso cotidiano há muito tempo. Mas se é o uso que cria o contexto, alçando os termos a uma independência local, os benefícios de conhecer a história deles é grande. Principalmente quando compreendemos que o que parece no cotidiano tão extremo e utópico, muitas vezes cresceu numa sala de aula universitária, em inglês, mas com sotaque francês. As histórias que François Cusset nos conta enriquece a compreensão do momento único, em termos de coesão educacional, em que começamos a suspeitar da História. O livro de Cusset tem a virtude de informar o local de nascimento, as várias paternidades, e o contexto histórico desse parto acadêmico que trouxe à luz um bebê estridente e de feições sempre indefinidas. A *Teoria Francesa* nasceu num colóquio na Universidade John Hopkins (18 a 21 de outubro de 1966: “The Language of Criticism and the Sciences of Man”) onde se reuniram os pensadores franceses Barthes, Derrida, Lacan, René Girard, Jean Hyppolite, Todorov, entre outros menos célebres. Richard Macksey e Eugenio Donato, os organizadores, no discurso de abertura identificaram os participantes como herdeiros de Nietzsche: “nas obras recentes de Foucault, Derrida, Deleuze, tudo, incluídas as sombras, a genealogia, os espaços vazios, pertence a Nietzsche”. A ironia desse nascimento é que a reunião destinada à apresentação do estruturalismo em terras americanas se transformou em palco de discordâncias entre os participantes, e acusações contra o método de Lévi-Strauss. O texto principal dessa crítica é um chamado pelo abandono do estruturalismo, foi escrito por Derrida¹ e pode ser considerado o texto inaugural do pós-estruturalismo. Nele se critica a “*face negativa, nostálgica, culpada do pensamento*

1 Cf.: DERRIDA, Jacques. *La structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines*. In: Conférence prononcée au Colloque international de l’Université Johns Hopkins (Baltimore) sur Les langages critiques et les sciences de l’homme, le 21 octobre 1966.

do jogo” e se propõe a adoção de uma faceta nietzschiana, alegre, simples “*afirmação de um mundo de signos sem erro, sem verdade, sem origem*”:

[...] entre as ‘duas interpretações da interpretação’, Derrida conclui em um tom programático que é urgente trocar aquela que ‘deseja decifrar uma verdade [...] escapando do jogo’ por aquela que, ao contrário, ‘afirma o jogo e tenta ir além do homem e do humanismo’. Eis como a coisa é entendida: esse estruturalismo altivo com suas velhas questões, do qual a universidade americana conhece apenas a vertente narratológica (Genette e Todorov), deveria de fato ser ultrapassado por um pós-estruturalismo mais regozijante. A expressão só aparecerá no início dos anos de 1970, mas todos os americanos presentes na John Hopkins em 1966 imaginaram ter assistido, ao vivo, seu nascimento público. Assim, o colóquio que deveria apresentar o estruturalismo aos americanos serviu na verdade para inventar, com alguns anos de intervalo, seu sucessor aberto, mais maleável, que apresenta a dupla vantagem de permitir uma definição mais flexível... (CUSSET, 2008, p. 38).

A Teoria, sem dúvida, é uma escola hiperbólica da suspeita – acentua e desvirtua para uso próprio esta tradição em que Nietzsche é mestre. Esse modo de explicar tudo através da denúncia tem consequências:

O resultado é uma ampliação ad infinitum da própria categoria de literatura, que permaneceu deliberadamente imprecisa, tornando-se apenas sinônimo dessa suspeita sem limite. Essa indefinição garantiu sua porosidade a todos os campos vizinhos e, mais taticamente, o êxito de suas veleidades de avançar sobre eles. Em outras palavras, se tudo é literatura, quem poderia resistir a ela? (CUSSET, 2008, p. 84).

A Teoria é útil para a discussão interna (americana) sobre a pedagogia e a crise das humanidades – os teóricos franceses serão “lidos obliquamente” para esse fim. Mas nenhuma apropriação será maior que a utilização desses teóricos para fins políticos. Em última instância foi o perigo e a maior contribuição da Teoria, também é o que sustenta o livro de Cusset, no sentido de que apresenta os conceitos centrais dessa apropriação em seu contexto nativo, em uso. Mediante a compreensão do *ensaio* americano poderemos entender esses conceitos no uso doméstico e

recente que alguns ativistas teóricos realizam no Brasil.

A DEFINIÇÃO DE DESCONSTRUÇÃO

A primeira aparição da palavra, que é também uma das primeiras ocorrências em língua inglesa, prenuncia seus destinos americanos. Mistura de ironia e de obstinação, ‘desconstrução’ designa aqui, antes de tudo, a insistência com que Derrida questiona a indiferença de Heidegger, em seu comentário de Nietzsche, a propósito de uma curiosa afirmação deste último que ele nem sequer assinalou: ‘O devir-mulher da Ideia’. A omissão como chave daquilo que está presente, a inversão do importante e do aparentemente secundário, a sexualização de um significante que se pretende neutro, tanto mais justamente na medida em que se pretende neutro – todos os ingredientes já estão presentes (CUSSET, 2008, p. 109).

Aqui, o desvirtuamento se dá porque a desconstrução – original – é uma crítica às polaridades (progressista-reacionária/reformista-radical), torna possível uma saída do político, uma zona neutra, como indica Cusset. Mas os radicais políticos são os criadores da desconstrução à americana: “Os novos pensadores da identidade optaram por politizar a desconstrução, contra seus exegetas reacionários que preferiam desconstruir a política (...) forçaram a desconstrução contra ela mesma para produzir um ‘suplemento’ político” (CUSSET, 2008, p. 122). São esses usos e criações, como o politicamente correto, que originam a reação conservadora, os panfletos alarmistas que denunciam a decadência da intelectualidade (como O fechamento da mente americana, de Allan Bloom) e a cruzada neoconservadora pelo poder estatal e universitário:

Contra o modelo multicultural – que, no entanto, não levou em conta a política linguística dos anos de 1980 para vivificar o modelo sociocultural americano -, eles defendem as teses universalistas e integracionistas de uma cultura dominante, hierárquica, à qual se deve curvar (...) “superar” no sentido de uma refundação unitária, em torno de referências estáveis. (...) sempre prestes a criticar o simplismo de tal discurso ou o irrealismo de tal opção – e, como já vimos, a criar fronteiras intelectuais em cuja vizinhança surge a oportunidade sempre renovada de uma distância teórica, de um questionamento de conjunto sobre seu procedimento (CUSSET, 2008, p. 166).

Os inventores desses usos são chamados por Cusset de “estrelas do Campus”, e chegaram a tal posição dentro do sistema universitário americano pela rentabilidade criativa de seus inventos teóricos. São eles e suas invenções: Judith Butler e a Performance; Gayatri Spivak e a Intotalidade; Stanley Fish e a Instituição; Edward Said e a Crítica; Richard Rorty e a Conversação; Fredric Jameson e a questão pós-moderna.

USOS, USURÁRIOS E USUÁRIOS

Outros usuários extraíam dali uma função existencial, de subjetivação e *reencantamento*. A teoria será parte de uma narrativa individual. Dentro dessa narrativa, que ajudará na formação da identidade desse estudante, a teoria serve para a extração de “usos e práticas que domesticam o mundo”. Cusset, agora, apropria-se de Paul Ricoeur para falar de uma referência de segunda ordem (ou referência desdobrada): ler os signos, compreender a teoria, também é participar de uma dimensão ontológica – o texto nos transforma. É o que ocorre com a suspensão da referência ordinária, de primeira ordem, através do mundo-do-texto. Ao voltarmos para o mundo-da-vida já somos outros, habitamos mundos através desses textos, coisas íntimas foram reveladas. Mas não são apenas estudantes distraídos e ansiosos que experimentam (a teoria) pela primeira vez – também os artistas nova-iorquinos, por exemplo, *descontroem* a palavra simulação, para politizar o que em Baudrillard é apolítico, e o cinema tenta incluir a teoria como estofa teórico implícito em seus filmes de ação, como *Matrix* e *Minority Report*.

...se atinge aqui um regime de dispersão, de fragmentação, de circulação superficial e aleatória de simples traços de teoria francesa; há uma grande distância da instituição universitária, que normalmente regula seu uso e sua linguagem, agora nas engrenagens dessa máquina porosa e indefinidamente maleável que é a indústria cultural americana (CUSSET, 2008, p. 234).

A diferença entre as teorias originais dos autores franceses e a leitura americana é um esforço de compreensão que busca diminuir a distância entre a autonomia de uma obra e a sua utilidade. Assim, para se

utilizar do conceito de desconstrução se ignora a minúcia de Derrida. O que era para ele uma pequena pista do ausente torna-se, na dialética grosseira de seus usuários, uma técnica de transformar o texto desconstruído no oposto do que foi lido. Como observa Cusset sobre esse modo de gestão do texto, “um forte contraste é bem mais operante” (CUSSET, 2008, p. 251). Na França, a teoria, por assim dizer, não colou. Tradicionalmente autossuficiente no campo intelectual a influência francesa foi diminuindo até ser somente uma parte de seu “injustificável complexo de superioridade intelectual”. A partir de 1974, com o caso Soljenítsin, retoma-se a questão do estado totalitário e os herdeiros das utopias revolucionárias, ou seus entusiastas, passam a responder por suas imprudências políticas. É hora de “novos filósofos” como Bernard-Henry Lévy, André Glucksmann, e outros “que denunciam o pensamento revolucionário e colocam os direitos humanos no centro do debate” (CUSSET, 2008, p. 276). O livro de Luc Ferry e Alain Renaut, *Pensamento 68*, é considerado por Cusset “a última estocada”. Mas até eles reconhecem a utilidade da teoria, pela sua suspeita sistemática, de terminar com certas ilusões ingênuas do humanismo antigo.

Nos Estados Unidos, Sokal foi quem expos a “orgia teórica (...) a dissolução conceitual e discursiva da teoria”, buscando defender “um território disciplinar, o das ciências exatas” (CUSSET, 2008, p. 286). Cusset parece concluir que os Estados Unidos estavam imaginativamente preparados para transformar e permutar textos exigentes em tudo que pragmaticamente fosse necessário transformar, seja uma erótica, uma telenovela, uma contradição.